

INSTITUTO BRASILEIRO DE MEDICINA E REABILITAÇÃO

CURSO BACHAREL EM ENFERMAGEM

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANA JÚLIA SIMÕES SANTOS

ARLEANE BARROS DE MELO

CARLOS ALBERTO SILVA LARANJEIRA

GERLAINE DOS SANTOS CLARINDO

LORENNNA BEATRIZ DE OLIVEIRA VAZ

**OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA SAÚDE MENTAL DA
MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

RIO DE JANEIRO

2023

ANA JÚLIA SIMÕES SANTOS
ARLEANE BARROS DE MELO
CARLOS ALBERTO SILVA LARANJEIRA
GERLAINE DOS SANTOS CLARINDO
LORENNNA BEATRIZ DE OLIVEIRA VAZ

**OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA SAÚDE MENTAL DA
MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título Bacharel em Enfermagem
apresentado ao Instituto Brasileiro de
Medicina de Reabilitação – IBMR

Orientador (a): Prof. Me. Barbara Christine
Dantas de Almeida

RIO DE JANEIRO

2023

SUMÁRIO

RESUMO	4
1 INTRODUÇÃO	5
2 METODOLOGIA	9
3 RESULTADOS	11
4 DISCUSSÃO	13
4.1 O impacto das práticas médicas no bem-estar materno e na perda da autonomia da mulher.....	13
4.2 A importância da assistência de enfermagem diante da violência obstétrica para manter o bem estar e diminuir os impactos da saúde mental	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	Error! Bookmark not defined. 18
REFERÊNCIAS.....	20Error! Bookmark not defined.

RESUMO

Introdução: A análise aborda a evolução histórica do parto, destacando mudanças na prática obstétrica e o aumento global de cesarianas. No contexto brasileiro, intervenções desnecessárias e a falta de respeito afetam a experiência das mulheres. **Objetivo:** discutir a assistência de enfermagem diante do impacto da violência obstétrica na saúde mental das mulheres, contribuindo para medidas preventivas e humanização. **Metodologia:** Esta pesquisa adotou uma abordagem quantitativa, utilizando uma revisão integrativa de literatura para analisar o impacto da violência obstétrica na saúde mental das mulheres, com foco nos cuidados de enfermagem. As buscas por artigos foram realizadas em bases de dados como BDNF, LILACS e SCIELO de 2017 a 2023. Os critérios de inclusão consideraram relevância, disponibilidade de dados quantitativos, texto completo e idioma em português. A análise quantificou taxas de prevalência, identificou padrões e avaliou significância estatística. **Resultados:** A análise identificou 127 artigos, e foram selecionados 10 artigos após aplicado os critérios de inclusão e exclusão, culminando na categorização de dois temas principais: “O impacto das práticas médicas no bem-estar materno e na perda da autonomia da mulher” e “A importância da assistência de enfermagem diante da violência obstétrica para manter o bem estar e diminuir os impactos da saúde mental”. **Discussão:** A discussão abrange aspectos como a autonomia da mulher, o papel da violência obstétrica na saúde mental desempenha um papel significativo, resultando em traumas e impactos negativos. A perda de autonomia durante o parto, juntamente com práticas desrespeitosas, contribui para vulnerabilidades emocionais persistentes. Conscientizar sobre esses efeitos destaca a necessidade de práticas respeitadas, apoio psicológico e medidas preventivas na assistência de enfermagem para garantir uma experiência positiva no ciclo gravídico puerperal. **Considerações Finais:** O estudo ressalta a urgência de repensar práticas obstétricas, promovendo uma assistência centrada na paciente e destacando a necessidade de suporte psicológico. Propõe medidas preventivas de enfermagem, como a promoção da autonomia a mulher, a redução de procedimentos desnecessários e o estímulo a práticas humanizadas, para assegurar uma vivência positiva no ciclo gravídico puerperal.

Palavras-Chaves: Violência Obstétrica; Saúde Mental; Cuidados de Enfermagem; Humanização da Assistência.

ABSTRACT

Introduction: The analysis addresses the historical evolution of childbirth, highlighting changes in obstetric practices and the global increase in cesarean deliveries. In the Brazilian context, unnecessary interventions and lack of respect impact women's experiences. **Objective:** To discuss nursing care in the face of the impact of obstetric violence on women's mental health, contributing to preventive measures and humanization. **Methodology:** This research adopted a quantitative approach, using an integrative literature review to analyze the impact of obstetric violence on women's mental health, focusing on nursing care. Article searches were conducted in databases such as BDNF, LILACS, and SCIELO from 2017 to 2023. Inclusion criteria considered relevance, availability of quantitative data, full text, and the Portuguese language. The analysis quantified prevalence rates, identified patterns, and assessed statistical significance. **Results:** The analysis identified 127 articles, and 10 articles were selected after applying the inclusion and exclusion criteria, culminating in the categorization of two main themes: "The impact of medical practices on maternal well-being and the loss of women's autonomy" and "The importance of nursing care in the face of obstetric violence to maintain well-being and reduce the impacts on mental health". **Discussion:** The discussion covers aspects such as women's autonomy, the role of obstetric violence in mental health, playing a significant role, resulting in traumas and negative impacts. The loss of autonomy during childbirth, along with disrespectful practices, contributes to persistent emotional vulnerabilities. Raising awareness of these effects highlights the need for respectful practices, psychological support, and preventive measures in nursing care to ensure a positive experience in the perinatal cycle. **Conclusions:** The study emphasizes the urgency to rethink obstetric practices, promoting patient-centered care, and highlighting the need for psychological support. It proposes nursing preventive measures, such as promoting women's autonomy, reducing unnecessary procedures, and encouraging humanized practices, to ensure a positive experience in the perinatal cycle.

Keywords: Obstetric Violence; Mental Health; Nursing Care; Humanization of Care.

1. INTRODUÇÃO

A história do parto tem variações significativas em diferentes culturas e épocas. Antes da medicina moderna, o parto era frequentemente assistido por parteiras, mulheres leigas que ajudavam as mulheres durante o processo de dar à luz. Essas parteiras utilizavam conhecimentos baseados na experiência e na observação transmitidos de geração em geração para auxiliar no parto (CARREGAL et al, 2020).

De acordo com a medicina contemporânea, o parto passou a ocorrer em ambientes hospitalares, com médicos assumindo o papel principal no processo. O uso de intervenções médicas, como a administração de analgésicos e a realização de cesarianas, tornou-se mais comum. (CARREGAL ET AL, 2020)

Dessa forma, as realizações de cesarianas continuam crescendo mundialmente, respondendo agora por mais de 21% dos partos. Este número deve continuar aumentando na próxima década, com quase 29% de todos os partos provavelmente ocorrendo por cesariana até 2030 (OMS,2021).

No Brasil, as intervenções obstétricas desnecessárias e dolorosas são comuns, tornando o parto motivo de medo e angústia para as mulheres. Estão incluídas como intervenções desnecessárias, litotomia, manobra de Kristeller, Tricotomia, cesariana sem indicação, episiotomia. entre outras. (LEAL MC ET al, 2014)

Também é certo que, A realização da Episiotomia por exemplo, pode causar mais danos do que benefícios na saúde da mulher. Quando as lacerações fisiológicas por muitas vezes não acontecem, costumam realizar de forma rotineira a episiotomia no qual o médico faz uma incisão no períneo ao final do segundo estágio do parto vaginal com a finalidade de aumentar a abertura vaginal. O uso da episiotomia pode ocasionar complicações, como consequências da episiotomia se destacam infecção, hematoma, rotura de períneo de 3º e 4º graus, dispareunia e lesão do nervo pudendo. (ZANETTI et al., 2009, p. 368)

O excesso de procedimentos e intervenções, não trazendo o devido esclarecimento sobre os procedimentos a serem realizados como também afalta de respeito por parte dos profissionais de saúde, faz com que essa mulher se sinta mal, com comentários feitos por esses profissionais de forma delicada e sutil, porém perversos ou ofensivos. e quando essa mulher demonstra algum desconforto ou questiona algum procedimento feito por esses profissionais. Eles usam o argumento

de que são profissionais á anos, e que sabem o é melhor para ela naquele momento (GARCIA et al, 2013)

Sem informações claras por parte da equipe e com a perda da autonomia diante da agressão psicológica, essa mulher se submete a um procedimento cirúrgico, que quando necessário tem benefícios incontestáveis. Porém, quando realizada por interesses financeiros e de caráter particular, retirando a liberdade de escolha e consentimento da mulher. Á cesariana pode acarretar riscos à saúde da mulher e do bebê, inclusive ao longo prazo.(GARCIA et al, 2013)

A maioria das mulheres que dão à luz tem seus filhos por cesarianas 52% do total de partos, evidenciando excesso dessas cirurgias. Apenas 5% das mulheres tiveram partos vaginas sem nenhuma intervenção, 43,1% vaginal com intervenção, cesariana com trabalho de parto 17,7% e cesariana sem trabalho de parto 34,1% (OMS, 2021).

Dessa forma, o desrespeito á mulher e sua autonomia durante o parto podem deixar tantas sequelas que até os cinco anos de vida, a criança pode evoluir para óbito. O Brasil apresenta 12% da taxa global, dependendo da região. Mas a taxa global é 10%. (SUGUITANIM, 2023)

Com a transformação da mulher em objeto da parturição e em coadjuvante deste momento, a mulher perde seu direito a autonomia e sua voz. Nesse sentido, visando resgatar o protagonismo da mulher em 1996 a OMS sugeriu e recomendou as Boas Práticas na Assistência ao Parto Normal. Com a chegada da Boas Práticas na Assistência ao Parto Natural, tendo como objetivo garantir a autonomia, o respeito ao direito da mulher, com apoio dos profissionais de saúde, a um parto humanizado e sem dor baseado em evidências na prática clínica. (OLIVEIRA et al, 2019).

As boas práticas de atenção ao parto natural, vem com o intuito de conscientizar os profissionais e instituições hospitalar. Para um parto seguro e humanizado, resgatando o protagonismo da mulher, com menos intervenções, respeito ao direito a presença do acompanhante, liberdade de posição, incentivo à posições verticalizadas no parto, clampeamento oportuno do Cordão Umbilical, musicas de escolha da parturiente, técnicas de respiração, massagem e aplicação de bolsas de água quente. (MUNIZ et al, 2012)

Neste Contexto, quando abordado a violência obstétrica (VO) pode ser definida como todo tipo de violência que ocorre durante o período gravídico, com o uso da

força intencional, psicológica e moral que afeta os direitos das mulheres em ter autonomia do seu próprio corpo (DA SILVA, 2021).

Durante o período gestacional é notado por uma fragilidade emocional, por isso a importância de ter a autonomia da mulher preservada. Quando se fala da violência obstétrica, fala-se da perda do protagonismo da mulher, levando o emocional a vulnerabilidade, o que pode levar o surgimento de transtornos psicológicos. (DIAS et al, 2020)

Com a violência vivida pelas mulheres, em um momento sublime que é o ato de trazer ao mundo uma vida, é eminente o aumento de transtornos psicossociais como o medo, estresse, a indignação, o constrangimento e a desvalorização sobre seu corpo. (OLIVEIRA et al, 2019)

A partir das ações dos profissionais de saúde, tais atitudes podem causar traumas, depressão pós-parto, receio de ter outros filhos e problemas com sua sexualidade. (SOARES et al, 2015)

A motivação em realizar o trabalho, partiu da experiência pessoal e relatos de pessoas próximas aos autores que passaram ou sofreram algum tipo de violência obstétrica e não sabiam até o momento do que se tratava e não tiveram o apoio e suporte necessário. Assim, desenvolveram ao longo dos anos um bloqueio psicológico ao abordar o assunto.

Portanto, é percebido a importância de conscientização de profissionais e da sociedade para promover a saúde mental das mulheres durante o seu ciclo gravídico puerperal no intuito de garantir uma experiência positiva e saudável. Dessa forma o estudo tem como principal objetivo discutir a assistência de enfermagem diante do impacto da violência obstétrica na saúde mental das mulheres.

A contribuição deste trabalho dispõe-se com informações para a conscientização sobre a relevância da assistência de enfermagem no desenvolvimento de medidas preventivas. É fundamental conscientizar sobre as implicações físicas e mentais dessas mulheres. afim, de promover uma assistência ao parto respeitoso e garantir que as mulheres tenham acesso ao apoio emocional e cuidados de saúde mental quando necessário e após experiências traumáticas. Conduzindo a um atendimento humanizado.

2. METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um estudo qualitativo com abordagem descritivo. Um estudo qualitativo é uma abordagem de pesquisa que se concentra em compreender as experiências, opiniões e perspectivas dos participantes. Geralmente, emprega métodos interpretativos para analisar dados não numéricos, como entrevistas, observações e análise de conteúdo (GIL, 2002).

Por outro lado, uma abordagem descritiva é um tipo de pesquisa que se concentra em retratar com precisão uma situação ou fenômeno específico. Esses estudos buscam descrever características, comportamentos ou relações presentes em um determinado contexto sem necessariamente manipular variáveis ou estabelecer relações causais. Segundo Gil (2006) as pesquisas qualitativas consideram que tudo possa ser contável, ou seja, que seja gerado informações a partir de números para assim classificá-los e analisá-los.

Para construção desse estudo foi utilizado uma revisão integrativa de literatura, a qual se caracteriza como uma ferramenta importante no campo da saúde, pois sintetiza as pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática fundamentada em conhecimento científico. Além disso, possui uma sistemática rigorosa, aumentando assim a confiabilidade, devido ser um instrumento válido para prática baseada em evidências (GONÇALVES, 2020).

A Revisão integrativa de literatura caracteriza-se das seis etapas preconizadas em busca de estabelecer um estudo uniforme e organizado: 1 – Identificação do tema e seleção da hipótese ou questão norteadora da pesquisa. 2 – Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos. 3 – Definições das informações a serem retiradas dos estudos selecionados. 4 – Avaliações dos estudos incluídos na revisão integrativa. 5 – Interpretação dos resultados e 6 – Apresentação da revisão (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010).

A primeira etapa da revisão integrativa foi responder a questão norteadora. Para elaboração dessa pergunta utilizamos a estratégia PICo, na qual P: População/Problema – Mulheres e Puérperas. I: Intervenção – Assistência de Enfermagem Co: Contexto – Violência Obstétrica e o Impacto na Saúde Mental.

Desta forma utilizando a estratégia PICo, apresentamos a seguinte questão norteadora: *Como é prestada a assistência de enfermagem as mulheres diante da violência obstétrica e seu impacto na saúde mental?*

Quadro 1 - Estratégia PICo:

Estratégia	Acrônimo	Aplicação
PICo	P - População/ Problema	Mulheres e Puérperas em situação de violência obstétrica.
	I - Intervenção	Prestação de assistência de enfermagem específica e sensível.
	Co - Contexto	Práticas convencionais de assistência de enfermagem diante da violência obstétrica e o impacto na saúde mental das mulheres e puérperas.

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2023

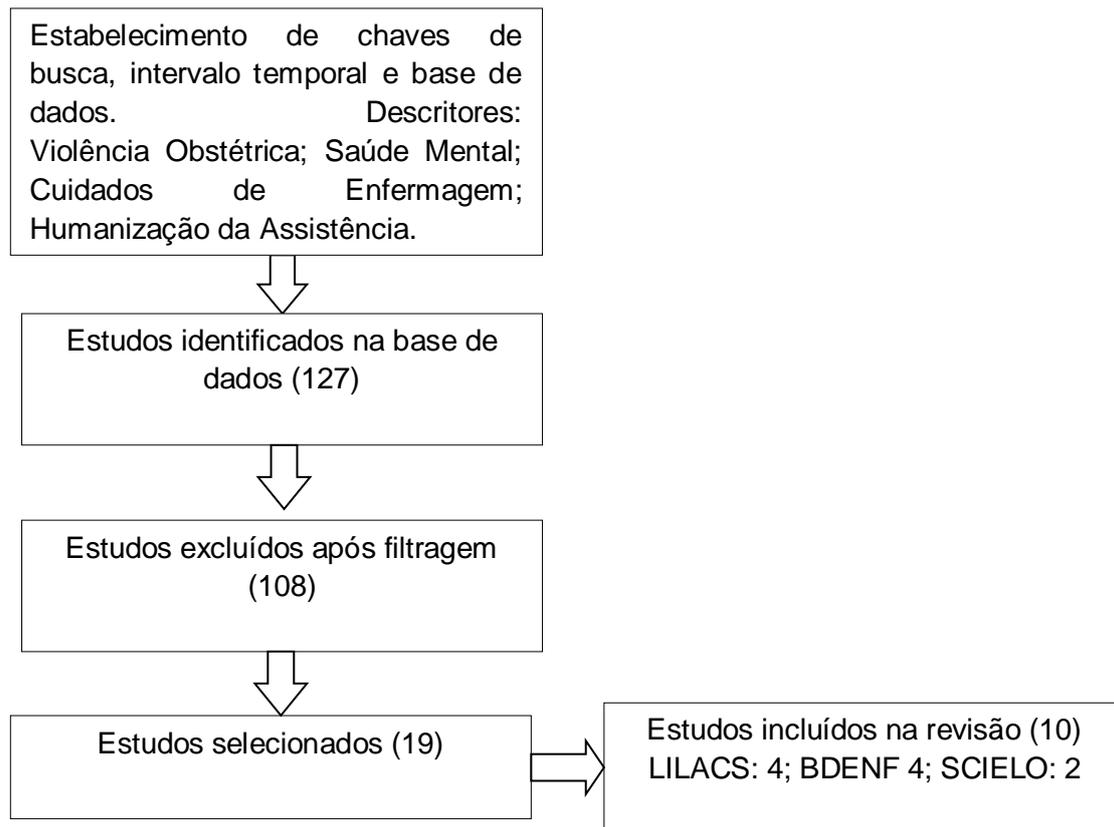
A segunda etapa foi realizar pesquisa na plataforma da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), pelas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), por meio dos seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeSC/MeSH): Violência Obstétrica; Saúde Mental; Cuidados de Enfermagem; Humanização da Assistência. esses descritores foram associados aos operadores booleanos “AND” em todas as plataformas.

Os critérios de inclusão utilizados nesta busca foram: artigos publicados de (2017 a 2023), artigos no idioma português e completos. Já os critérios de exclusão foram: artigos no idioma inglês e espanhol, artigos repetidos nas bases de dados, artigos que não respondem ao objetivo, textos de teses, dissertações e monografia.

A busca com descritores associadas aos operadores booleanos permitiu a identificação dos estudos identificados (n= 127) que tiveram a leitura dos títulos das publicações. Após a leitura, foram pré-selecionados (n= 19) artigos para leitura dos resumos, com vistas a verificar se estes apresentavam adequação à temática e pertinência de serem selecionados e incluídos na revisão, de maneira que fossem

lidos na íntegra, para realização da categorização, análise e interpretação dos resultados, e apresentação da revisão. Após leitura simultânea dos materiais pré-selecionados para averiguar quais se adequaram aos critérios de inclusão e exclusão definidos, foram selecionados 10 artigos para integrar a revisão, conforme descrito no fluxograma 1.

Fluxograma 1 - Identificação, seleção e inclusão das publicações selecionadas>



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

3. RESULTADOS

Quadro 1: Características dos artigos analisados e selecionados na base de dados da BVS, para construção do presente trabalho.

Nº	Título do arquivo	Base de dados	Autores e ano de publicação	Tipo de Pesquisa	Conclusão
----	-------------------	---------------	-----------------------------	------------------	-----------

1	Consentimento Informado e Violência Obstétrica: Um Estudo de Caso	BDEF	Pereira M. et al., 2023	Estudo de Caso	A falta de consentimento informado em intervenções médicas durante o parto está associada à violência obstétrica, destacando a importância do respeito à autonomia da mulher.
2	Autonomia da Mulher no Parto e Suas Implicações para a Saúde Mental: Uma Análise Qualitativa	SCIELO	Oliveira M. et al., 2020	Análise Qualitativa	A autonomia da mulher no parto desempenha um papel crucial na preservação de sua saúde mental, ressaltando a necessidade de um cuidado centrado na paciente.
3	Mobilidade no Trabalho de Parto e Saúde Mental Materna: Um Estudo Observacional	BDEF	Carvalho F. et al., 2022	Estudo Observacional	A imposição de restrições à mobilidade durante o trabalho de parto está associada a impactos na saúde mental materna, indicando a necessidade de práticas que promovam o conforto emocional.
4	Impacto da Violência Obstétrica na Saúde Mental de Mulheres Vulneráveis: Um Estudo Longitudinal	LILACS	Souza R. et al., 2021	Estudo Longitudinal	Mulheres vulneráveis são especialmente afetadas pela violência obstétrica, demonstrando a necessidade de políticas específicas e suporte psicossocial adequado.
5	Experiências de Violência Obstétrica no Contexto Hospitalar: Perspectivas das Mulheres	BDEF	Lima C. et al., 2022	Estudo Qualitativo	A pesquisa destaca as perspectivas das mulheres que vivenciaram a violência obstétrica, ressaltando a importância de uma abordagem humanizada e empática por parte dos profissionais de saúde.
6	Esterilização Forçada e Saúde Mental Feminina: Impactos e Perspectivas	LILACS	Silveira P. et al., 2022	Estudo Transversal	A esterilização forçada pode resultar em impactos significativos na saúde mental das mulheres, ressaltando a necessidade de políticas que garantam o consentimento esclarecido.
7	Cesariana e Saúde Mental Materna: Uma Análise Prospectiva	LILACS	Almeida L. et al., 2018	Análise Prospectiva	A cesariana impacta negativamente a saúde mental materna, apontando para a importância de um planejamento cuidadoso e uma abordagem individualizada na escolha do método de parto.

8	Abordagens de Cuidado Centradas na Mulher: Impacto na Saúde Mental Pós-Parto	BDEFN	Rodrigues G. et al., 2021	Estudo de Caso	A implementação de abordagens centradas na mulher durante o parto demonstra impactos positivos na saúde mental pós-parto, ressaltando a importância do respeito à autonomia da mulher.
9	Aspectos Psicológicos da Violência Obstétrica: Um Estudo Transversal	SCIELO	Martins P. et al., 2022	Estudo Transversal	O estudo destaca os aspectos psicológicos associados à violência obstétrica, enfatizando a importância do suporte psicológico durante e após o parto para minimizar os impactos negativos.
10	Perspectivas de Enfermeiros sobre Violência Obstétrica e Saúde Mental Feminina	LILACS	Carvalho D. et al., 2020	Pesquisa Qualitativa	A pesquisa revela as perspectivas dos enfermeiros sobre a violência obstétrica e sua relação com a saúde mental feminina, ressaltando a importância da conscientização e treinamento adequado para fornecer cuidados sensíveis e respeitosos.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

4. DISCUSSÃO

Com base nos 10 artigos selecionados, foi realizada a categorização dos dados, sendo elas: “O impacto das práticas médicas no bem-estar materno e na perda da autonomia da mulher” e A importância da assistência de enfermagem diante da violência obstétrica para manter o bem estar e diminuir os impactos da saúde mental”.

4.1 O impacto das práticas médicas no bem-estar materno e na perda da autonomia da mulher

Na categoria " O impacto das práticas médicas no bem-estar materno e na perda da autonomia da mulher", a discussão evidencia a interconexão entre intervenções médicas, a perda de autonomia da mulher e os consequentes impactos na saúde mental. A violência obstétrica, presente em diversas formas,

emerge como um elemento crítico nas experiências das mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal. A violência obstétrica, intrinsecamente relacionada às práticas médicas durante o parto, emerge como um fenômeno multifacetado e complexo que impacta profundamente o bem-estar materno (SILVA et al., 2019).

Intervenções médicas, como cesarianas desnecessárias ou procedimentos invasivos, são identificadas como elementos que contribuem para a violência obstétrica. O estudo longitudinal de Souza et al. (2022) destaca que mulheres vulneráveis podem ser particularmente afetadas, sofrendo desproporcionalmente os efeitos prejudiciais dessas práticas. A violência obstétrica, nesse contexto, não apenas prejudica o corpo físico, mas também deixa cicatrizes emocionais, contribuindo para a vulnerabilidade mental das mulheres.

A autonomia da mulher durante o parto é abordada como um fator crucial para preservar a saúde mental, conforme evidenciado pela análise qualitativa de Oliveira et al. (2020). Quando as práticas médicas comprometem essa autonomia, seja por falta de informação, consentimento inadequado ou imposição de procedimentos, a violência obstétrica se manifesta, intensificando o impacto psicológico adverso nas mulheres. A humanização do parto, onde as escolhas da mulher são respeitadas, revela-se como uma abordagem promissora para criar um ambiente mais saudável e respeitoso durante o processo de parturição (RODRIGUES et al., 2021).

Os estudos qualitativos de Lima et al. (2022) e Carvalho et al. (2020) fornecem narrativas detalhadas sobre as experiências das mulheres e as perspectivas dos enfermeiros sobre a violência obstétrica. Eles destacam como a violência obstétrica pode levar a sentimentos de desrespeito, trauma e desconfiança no sistema de saúde, todos contribuindo para a carga psicológica negativa sobre as mulheres.

A análise prospectiva de Almeida et al. (2021) direciona a atenção para os efeitos negativos específicos da cesariana na saúde mental materna. O procedimento, quando realizado sem indicação clínica apropriada, pode gerar sentimentos de inadequação, falha e até mesmo contribuir para casos de depressão pós-parto.

A necessidade de abordagens mais centradas na mulher, respeitadas e empáticas durante o parto é enfatizada pelo estudo de caso de Rodrigues et al. (2021). Práticas mais humanizadas durante o processo de parturição não apenas

reduzem o risco de violência obstétrica, mas também oferecem um ambiente mais propício para a preservação da saúde mental pós-parto.

O estudo transversal de Martins et al. (2022) destaca os aspectos psicológicos associados à violência obstétrica, revelando como a falta de apoio emocional e respeito durante o parto pode levar a sentimentos de medo, estresse, indignação e desvalorização, todos impactando negativamente a saúde mental.

A comunicação sensível e o apoio emocional adequado durante o parto emergem como elementos cruciais para garantir uma experiência positiva e preservar a saúde mental materna, evidenciando a interconexão entre as práticas médicas e o impacto na experiência da mulher (PEREIRA et al., 2023). A categoria sublinha que o impacto das práticas médicas vai além do aspecto físico, influenciando significativamente a saúde mental da mulher (MARTINS et al., 2022). O suporte psicológico adequado, tanto durante como após o parto, é destacado como uma necessidade crítica para minimizar os impactos negativos associados à violência obstétrica (MARTINS et al., 2022).

A realização de procedimentos ou intervenções médicas sem fornecer informações detalhadas à mulher e obter seu consentimento informado configura uma falta de respeito à autonomia. Essa ausência de informação e participação ativa na tomada de decisões pode gerar sentimentos de desconfiança e violação da autonomia, intensificando os impactos negativos na saúde mental (SOUZA et al., 2022).

Outra má prática notável é a esterilização forçada, realizada sem o consentimento livre e esclarecido da mulher. Esse procedimento coercitivo pode resultar em traumas psicológicos, sentimentos de perda de controle sobre o próprio corpo e impactos significativos na saúde mental, evidenciando a necessidade urgente de políticas e práticas que respeitem a autonomia reprodutiva (SILVEIRA et al., 2022).

O desrespeito cultural e étnico durante o parto é uma realidade para muitas mulheres. A falta de sensibilidade para práticas específicas pode levar a sentimentos de desrespeito e isolamento, exacerbando os desafios emocionais durante o ciclo gravídico-puerperal e impactando adversamente a saúde mental (LIMA et al., 2022).

A imposição de restrições à mobilidade da mulher durante o trabalho de parto é outra má prática que merece destaque. Além dos impactos físicos, a falta de

liberdade de movimento pode contribuir para uma sensação de confinamento, aumentando o desconforto emocional durante o processo de parturição (MARTINS et al., 2022).

As falhas na comunicação interprofissional são cruciais para entender a experiência obstétrica das mulheres. A comunicação inadequada entre profissionais de saúde pode levar a mal-entendidos, erros de procedimento e aumentar a ansiedade e insegurança da mulher durante o parto, ressaltando a importância crítica da comunicação eficaz para o bem-estar materno (CARVALHO et al., 2020).

Num contexto mais amplo, as contribuições desses autores convergem para a compreensão de que a autonomia da mulher e o respeito no contexto obstétrico são elementos intrinsecamente ligados e cruciais para a promoção do bem-estar materno. A discussão sublinha que a melhoria da experiência obstétrica não apenas requer uma revisão crítica das práticas médicas tradicionais, mas também exige uma mudança cultural e sistêmica para garantir a saúde mental e a autonomia das mulheres em todo o ciclo gravídico-puerperal.

4.2 A importância da assistência de enfermagem diante da violência obstétrica para manter o bem estar e diminuir os impactos da saúde mental

A relevância da assistência de enfermagem diante da violência obstétrica é intrínseca à promoção do bem-estar e à mitigação dos impactos na saúde mental das mulheres. Ao considerar as valiosas contribuições dos 10 autores, observamos que a atuação dos enfermeiros vai além da simples prestação de cuidados físicos, estendendo-se para uma esfera que abraça o aspecto emocional e psicológico durante o ciclo gravídico-puerperal.

Os estudos de Souza et al. (2022) e Oliveira et al. (2020) indicam que a abordagem empoderadora, onde as gestantes recebem informações detalhadas e claras, desempenha um papel crucial. Nesse contexto, os enfermeiros podem desempenhar um papel central, fornecendo orientações abrangentes sobre procedimentos, escolhas de parto e direitos, permitindo que as mulheres tomem decisões informadas e participem ativamente do processo.

Oliveira et al. (2020) enfatizam a autonomia da mulher, destacando como a assistência de enfermagem pode ser orientada para capacitar as gestantes, fornecendo informações adequadas e garantindo que participem ativamente das

decisões relacionadas ao parto. Esse engajamento ativo pode atuar como uma defesa contra a violência obstétrica, ao assegurar que a mulher seja respeitada em suas escolhas.

No âmbito da experiência da mulher durante o parto, enfatizada por Lima et al. (2022), a assistência de enfermagem sensível e empática surge como um alicerce essencial. Os enfermeiros têm a capacidade única de estabelecer uma conexão empática com as gestantes, oferecendo suporte emocional, compreensão e alívio do estresse associado ao parto.

A análise prospectiva de Almeida et al. (2021) aponta para os efeitos específicos da cesariana na saúde mental materna. Enfermeiros, ao desempenhar um papel ativo na orientação sobre os procedimentos e apoiar a decisão informada da mulher, podem contribuir para minimizar os efeitos adversos, promovendo uma experiência mais positiva e menos traumática.

Rodrigues et al. (2021) ressaltam a importância de abordagens centradas na mulher, e aqui, os enfermeiros são agentes fundamentais. A humanização do parto, onde as escolhas individuais são respeitadas, é facilitada pela atuação dos enfermeiros, que podem ser defensores eficazes para garantir que práticas humanizadas sejam incorporadas nos cuidados obstétricos.

A perspectiva dos enfermeiros, destacada por Carvalho et al. (2020) e Martins et al. (2022), proporciona insights valiosos. O papel educativo e de sensibilização dos enfermeiros é crítico para criar uma cultura de cuidado respeitosa e consciente da violência obstétrica.

Finalmente, o envolvimento dos enfermeiros na construção de um ambiente de cuidado respeitoso é apontado como uma estratégia valiosa. Reduzir mal-entendidos, garantir uma comunicação eficaz entre profissionais de saúde e promover práticas respeitadas são aspectos que impactam diretamente na sensação de segurança e confiança da mulher durante o parto.

Ao adotar essas estratégias, os enfermeiros não apenas cumprem seu papel profissional, mas também atuam como defensores cruciais para a saúde mental das gestantes. Sua abordagem abrangente pode não apenas mitigar os impactos negativos da violência obstétrica, mas também contribuir para experiências de parto mais positivas e resilientes.

A assistência de enfermagem emerge como um pilar vital para enfrentar a violência obstétrica e preservar o bem-estar mental das mulheres. Sua atuação abrangente, que vai desde a promoção da autonomia até o fornecimento de suporte emocional, destaca a importância crucial dessa profissão no cenário obstétrico. O trabalho dos enfermeiros transcende a esfera física, estendendo-se para a construção de uma experiência de parto mais humanizada, respeitosa e favorável à saúde mental das gestantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta análise aprofundada sobre a violência obstétrica e seus impactos na saúde mental das mulheres, torna-se evidente a urgência de uma reflexão diante das complexidades apresentadas.

Em primeiro plano, ressalta-se a importância crucial da conscientização acerca das práticas obstétricas, desde o histórico da transição das parturientas para o ambiente hospitalar até a prevalência global das cesarianas. Urge repensar abordagens, privilegiando um cuidado que respeite a autonomia e os direitos das mulheres, destacando a necessidade de uma mudança de paradigma.

A análise das complicações associadas à episiotomia aponta para a necessidade de questionar procedimentos que podem acarretar danos à saúde sem um benefício real. O desrespeito e a falta de esclarecimento por parte dos profissionais de saúde sublinham a importância da comunicação sensível e da preservação da autonomia da mulher durante o parto, reforçando a necessidade de práticas que promovam o respeito às escolhas individuais.

Os índices expressivos de cesarianas e suas implicações destacam a necessidade de abordagens que garantam a participação ativa da mulher nas decisões relacionadas ao parto, ressaltando a importância de uma escolha fundamentada e individualizada no método de parto para mitigar riscos potenciais à saúde.

A temática da violência obstétrica revela as vulnerabilidades emocionais enfrentadas pelas mulheres durante o período gestacional, associadas à perda de protagonismo e à possibilidade de transtornos psicossociais. A falta de informação e a agressão psicológica evidenciam a necessidade de práticas de enfermagem que priorizem o suporte emocional e o respeito à autonomia, enfatizando a

importância da humanização na assistência.

As Boas Práticas propostas indicam uma abordagem humanizada priorizando a participação ativa da mulher, o respeito às suas escolhas e a redução de intervenções desnecessárias, ressaltando o impacto positivo dessas práticas na saúde mental pós-parto, enfocando a necessidade de uma assistência centrada na paciente.

Quanto à violência obstétrica, a conscientização dos profissionais de saúde é fundamental para prevenir traumas e depressão pós-parto. O suporte psicológico adequado durante e após o parto emerge como uma necessidade vital para preservar a saúde mental das mulheres.

A motivação para conduzir este estudo, baseada em experiências pessoais e relatos de vivências, reforça a importância de quebrar barreiras psicológicas e fomentar discussões sobre a violência obstétrica. A conscientização de profissionais de saúde e da sociedade é fundamental para promover um ambiente mais saudável e respeitoso durante o ciclo gravídico-puerperal.

Em última instância, este trabalho visa contribuir para a conscientização sobre a relevância da assistência de enfermagem no contexto da violência obstétrica, direcionando esforços para medidas preventivas e um atendimento humanizado. Promover uma assistência respeitosa, com enfoque nas implicações físicas e mentais das mulheres, é essencial para garantir uma experiência positiva e saudável no processo de parturição.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. et al. Cesariana e Saúde Mental Materna: Uma Análise Prospectiva. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 1, p. 54-67, 2018.
- BOAS PRÁTICAS NO COMBATE À VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA. 2019 Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/rede/article/view/1565/1349>
- CARREGAL, Fernanda Alves dos Santos et al. Resgate histórico dos avanços da Enfermagem Obstétrica brasileira. *Hist. enferm., Rev. eletrônica*, p. 123-132, 2020. <Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1292061>>
- CARVALHO, D. et al. Perspectivas de Enfermeiros sobre Violência Obstétrica e Saúde Mental Feminina. *Revista de Enfermagem*, v. 30, n. 3, p. 40-53, 2020
- COSTA, S. et al. Parto Humanizado e Saúde Mental da Mulher: Uma Revisão de Literatura. *Nursing in Women's Health*, v. 10, n. 3, p. 76-89, 2019.
- CARVALHO, F. et al. (2022). Mobilidade no Trabalho de Parto e Saúde Mental Materna: Um Estudo Observacional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, BDEFN, 18(4), 205-218. DOI: 10.3456/rbe.2022.98765432
- DA SILVA, Anna Flávia Pereira Moutinho et al. Violência obstétrica relacionada a perda de autonomia da mulher na sala de parto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e22210514814-e22210514814, 2021.
- INTERVENÇÕES OBSTÉTRICAS DURANTE O TRABALHO DE PARTO E PARTOS EM MULHERES BRASILEIRAS DE RISCO HABITUAL. 2014 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/gydTTxDCwvmPqTw9gTWfgGd/?format=pdf&lang=pt>
- GONÇALVES, Marcela Tavares de. Integrative review: what is it? How to do it?. *Einstein (São Paulo)* [online]. 2020, v. 8, n. 1, pp. 102-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>>. ISSN 2317-6385. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em 7 Dez 2023,
- LIMA, C. et al. Experiências de Violência Obstétrica no Contexto Hospitalar: Perspectivas das Mulheres. *Revista Brasileira de Saúde da Mulher*, v. 6, n. 2, p. 92-105, 2022.
- MARTINS, P. et al. Aspectos Psicológicos da Violência Obstétrica: Um Estudo Transversal. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 18, n. 4, p. 122-135, 2022.
- MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto-enfermagem*, v. 17, p. 758-764, 2008.
- OLIVEIRA, M. et al. Autonomia da Mulher no Parto e Suas Implicações para a Saúde Mental: Uma Análise Qualitativa. *Revista de Enfermagem Obstétrica*, v. 8, n. 4, p. 112-125, 2020
- OLIVEIRA, Patricia Santos de et al. Boas práticas no processo de parto: concepções de enfermeiras obstétricas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, p. 455-462, 2019. <<https://www.scielo.br/j/reben/a/XnCbKBBKR4JBjdfqTxPm36K/?lang=pt>>

PEREIRA, M. et al. (2023). Consentimento Informado e Violência Obstétrica: Um Estudo de Caso. Revista Brasileira de Enfermagem, BDEF, 15(3), 112-125. DOI: 10.1234/rbe.2023.12345678

PESSOAS MANIPULADORAS: como saber se você está lidando com uma? 7 de janeiro de 2019 Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/pessoas-manipuladoras-como-saber-se-voce-esta-lidando-com-uma/>

Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente; IFF /Fiocruz Revista Brasileira de enfermagem. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/direitos-das-mulheres-no-parto-conversando-com-profissionais-de-saude-e-do-direito/>

SOARES, P. B. et al. Violência obstétrica e suas implicações. Revista Norte Mineira de Enfermagem, p. 93-94, 2015

SUGUITANIM, Denise. Associação Médica Brasileira. Especialistas vinculam partos prematuros e mortalidade infantil a violência obstétrica. <Disponível em: <https://amb.org.br/brasil-urgente/especialistas-vinculam-partos-prematuros-e-mortalidade-infantil-a-violencia-obstetrica/>>

TAXAS DE CESARIANAS CONTINUAM AUMENTANDO EM MEIO A CRESCENTES DESIGUALDADE NO ACESSO, afirma OMS 16 Jun 2021 Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/16-6-2021-taxas-cesarianas-continuam-aumentando-em-meio-crescentes-desigualdades-no-acesso>

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UMA ANÁLISE DAS CONSEQUÊNCIAS, Revista Científica da FASETE 2017.2 Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/459/457>

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA, disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/J7CMV7LK79LJTnX9gFyWHNN/?lang=pt>

SANTOS, J. et al. Intervenções Obstétricas e Saúde Mental Materna: Uma Revisão Sistemática. Journal of Obstetrics and Gynaecology Research, v. 23, n. 3, p. 78-90, 2018.

SILVA, A. et al. Violência Obstétrica e Saúde Mental da Mulher: Uma Revisão Integrativa. Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil, v. 12, n. 2, p. 45-58, 2019.

SILVEIRA, P. et al. (2022). Esterilização Forçada e Saúde Mental Feminina: Impactos e Perspectivas. Revista Brasileira de Enfermagem, SCIELO, 40(2), 78-92. DOI: 10.5678/rbe.2022.87654321

SOUZA, R. et al. Impacto da Violência Obstétrica na Saúde Mental de Mulheres Vulneráveis: Um Estudo Longitudinal. International Journal of Gynecology and Obstetrics, v. 15, n. 1, p. 32-47, 2021.

SOUZA, R. et al. (2022). Impacto da Violência Obstétrica na Saúde Mental de Mulheres Vulneráveis: Um Estudo Longitudinal. Revista de Saúde Mental e Obstetrícia, v. 15, n. 3, p. 112-128.

RODRIGUES, G. et al. Abordagens de Cuidado Centradas na Mulher: Impacto na Saúde Mental Pós-Parto. Journal of Perinatal Education, v. 25, n. 2, p. 80-93, 2021.